

O PELOURINHO

Passam algumas dezenas de annos sobre os brados eloquentes de Varnhagem, de Juromenha, de Herculano e de Soromenho, de estrangeiros como Roquemont e Raczynski, e, posteriormente, d'uma ala numerosa de publicistas, de archeologos e de artistas, sem que o alarme em defeza dos monumentos nacionaes produzisse o appetecido desvêlo pela conservação dos historicos padrões da vida social e artistica portugueza. A acção demasiado frouxa d'uma Commissão central de protecção e vigilancia, desacompanhada de meios para uma efficaz significação e justificada existencia, o alheamento systematico dos municipios, a indifferença das instituições parochiaes, a ausencia de commissões regionalistas para fiscalisação e conservação das antiguidades locaes, o geral desdem publico e ainda a propaganda intercadenente—pelo jornal, pela revista, pelo livro—dos estudiosos, eis os factores que explicam as incessantes depredações, as ruinas, as perdas já irreparaveis da vasta, nobre e opulenta documentação artistico-historica nacional.

Vem de longe o irreflectido desmoronamento das velharias, n'um intento pueril e indouto de modernisar tudo, occultando o viver do passado. Mas esta furia de civilisação accentua-se sobremodo de 34 para cá. A' larga para, emfim, apagar os vestigios de regimens extinctos, copiando, a quarenta annos de distancia, uma ou outra execução de monumentos odiosos para o povo na grande Revolução de França, tudo se confundiu

Vem de longe o irreflectido desmoronamento das velharias, n'um intento pueril e indouto de modernisar tudo, occultando o viver do passado. Mas esta furia de civilização accentua-se sobremodo de 34 para cá. A' larga para, emfim, apagar os vestigios de regimens extinctos, copiando, a quarenta annos de distancia, uma ou outra execução de monumentos odiosos para o povo na grande Revolução de França, tudo se confundiu n'uma ancia scelerada de liberdade: liberdade de destruir, desordenada e insensata, como que da anniquilação d'uma fachada de cathedral ou velho portico de mosteiro carecesse a nova vida social, politica e religiosa d'um povo!

Não escaparam, principalmente, os pelourinhos. A tradição legára noticias, exaggeradas pelo tempo, de antigas execuções de criminosos, expostos ao publico nas gaiolas das picotas e de que uma reminiscencia existia na volta tres vezes e á roda da forca, do sentenciado. Ora a picota precedera, talvez, o pelourinho. Este conservára a fórma, em columna, d'aquella. Mas a exhibição dos delinquentes passára para o outro instrumento de expiação. A espada da justiça substituiu a gaiola; n'esta expuzera-se o condemnado; aquella começava a denunciar apenas a jurisdic-

ção concelhia e ficava constituindo o emblema da independencia municipal.

Entretanto, aniquilando inconsequente e precisamente, o symbolo da propria autonomia, o vandalismo arrazou os marcos distinctivos da conquista em nome da qual eram desenfreadamente apeados. Esta estúpida incoherencia applaudida, senão suggerida uma ou outra vez pelas auctoridades recémvindas, deu em terra com pequenos monumentos que, não raro, constituíam verdadeiras obras d'arte.

Ficaram ainda de pé, e felizmente, bastantes. A citar, entre outros, os de Lisboa, Cintra, Val de Vez, Lanhoso, Villa do Conde, Cerveira, Louzada, etc. Mas ainda è de nossos dias o desmoronamento de muitos, procedendo de melhoramentos, sendo certo, emtanto, que não è difficil encontrar uma área de terra que substitua a occupada primitivamente por essas minusculas columnas symbolicas da liberdade dos concelhos.

Foi, decerto, este motivo de reformas que atirou com o pelourinho da Povoia de Varzim para um saguão do edificio da camara. Muito bem. Não deveria ser essa simples columna encimada pela esphera armillar—que recorda a independencia do municipio pelo 2.º foral de D. Manoel—um obstaculo ás obras realisadas. Tão pouco o pelourinho da Povoia è um d'esses documentos da nossa archeologia ornamental gothica, cujos exemplares ainda se encontram no paiz (Arcos, Villa do Conde, etc.)

Mas a sua simplicidade decorativa não destroe a sua significação emblematica. E pois que esse padrão traduz a autonomia municipal (que antes d'esta eram as freiras de Santa Clara quem sentenciava sobre os pleitos civeis e crimes, em virtude do seu senhorio sobre a Povoá) não se apague de vez o singello mas expressivo monumento que recorda a aurora das prosperidades d'esta terra.

Li, não sei onde, que o actual pelourinho, abandonado n'um ingrato esquecimento, já substituíra um outro, provavelmente o que fôra contemporaneo do foral manuelino. E' commovedora a respeitosa homenagem da vereação do tempo ao monumento denunciativo das prerogativas concelhias.

Ora á actual vereação cumpria erguel-o de novo n'um lugar adequado, não longe dos paços municipaes, pois, em geral, o symbolo da independencia defrontava com elles. Não se salva, decerto, uma obra de arte. Mas prolonga-se, viva e duradoura, a

memoria da mais anciada e
legitima regalia da terra.

E' o nosso marco historico
mais venerando. Oxalá que
este clamor não seja em vão.
Porto.

Rocha Peixoto.
